

TEXTOS (Sugestões para seminários)

RETRATO PESSIMISTA DO BRASIL-REINO (MELO MORAIS)

O Brasil caminhava com passos largos na via do progresso, sob o governo criador de um príncipe ilustrado, até a sua emancipação política; mas de então para cá, apesar de suas instituições livres, de suas assembléias puramente brasileiras, onde se esbanjam os dinheiros do Estado, a indústria fabril definha à vista dos olhos por não achar favores nas leis do país.

Alguma coisa que aparece é sem futuro e morre logo, porque o fim de qualquer coisa que se estabelece ou cria não é por utilidade do país, e sim especulação mercantil que reverte em proveito de poucos. O Brasil, marítimo e com extensíssima costa, enseadas e barras, apesar da verba fabulosa que consome o fantasma da sua marinha de guerra, não tem navios suficientes para guarnecer as suas costas. Abundante das melhores madeiras do mundo, e com habilíssimos construtores e artistas brasileiros, e bons estaleiros, não precisa para isso de mandar construir navios na Europa.

Não obstante a verba escandalosa que consome o Ministério da Marinha, são despedidos dos arsenais os operários, a título de economia, para se mandar comprar navios por preços exorbitantes quando poderiam ser feitos nos nossos estaleiros com outras madeiras e boa construção.

*Melo Moraes, História do
Brasil-Reino e do Brasil-Império.
tomo I, 417. Belo Horizonte,
Itatiaia/São Paulo,
Edusp, 1982. (Col. "Reconquista do Brasil",
nova série, v. 63).*

A CAPITAL DO IMPÉRIO ASTECA VISTA POR CORTÉS

Esta grande cidade de Temixtitlan está fundada nesta lagoa salgada e, da terra firme até o corpo da referida cidade, por qualquer parte que quiserem nela entrar, há duas léguas. Têm quatro entradas, todas de calçada feita a mão, tão larga como duas lanças curtas. É tão grande a cidade como Sevilha e Córdoba. São suas ruas, digo as principais, muito largas e muito direitas e algumas destas e todas as demais são a metade de terra e a outra metade é água, pela qual andam em suas canoas, e todas as ruas de trecho em trecho estão abertos por onde atravessa a água de umas às outras, e em todas estas aberturas, algumas são muito largas, há pontes muito amplas e de muito grandes vigas, juntas e sólidas e bem lavradas, e tais, que por muitas delas podem passar dez a cavalo, lado a lado.

Tem esta cidade muitas praças, onde há contínuo mercado e comércio de compra e venda. Tem outra praça tão grande como duas vezes a cidade de Salamanca, toda cercado ao redor de portais, onde há diariamente acima de sessenta mil pessoas comprando e vendendo; onde há todos os gêneros de mercadoria que em todas as terras se encontram.

(...) Há nesta grande praça uma grande casa como uma audiência, onde sempre se sentam dez ou doze pessoas, que são juizes e julgam todos os casos e coisas que no dito mercado ocorrem, e mandam castigar os delinqüentes. Há na referida praça outras pessoas que andam continuamente entre as gentes, fiscalizando o que se vende e as medidas com que medem o que vendem; e já se viu quebrar alguma medida falsa.

(...) Há nesta grande cidade muitas casas muito boas e muito grandes; a razão de haver tantas casas principais é que todos os senhores da terra, vassallos de Montezuma, têm suas casas na dita cidade e residem nelas certo período do ano, e além disso há muitos cidadãos ricos que têm dessa maneira muito boas casas.

*(Bellotto, Manoel Lello/Corrêa,
Anna Maria Martinez – A América
Latina de colonização espanhola, 87-89.
São Paulo, Hucitec/Edusp, 1979).*